

PENSANDO COM A IMAGEM

A imagem ao lado

Aldo Victorio Filho

“A imagem, aliás, não se pode acantonar na reprodução; não é uma mera transposição do real; é também um real intrínseco com as suas propriedades e seus circuitos”.

[Gervereau, Laurent. *Ver compreender, analisar as imagens*. Lisboa: Edições 70, 2007.]



Quando a nossa percepção entra em sintonia com algumas imagens fugazes do cotidiano escolar podemos desfrutar um panorama de acontecimentos que correm céleres para além do institucional, cada vez mais necessários à elucidação dos acontecimentos da escola. De certo que os aspectos organizacionais e as rotinas oficiais também propiciam imagens interessantes que narram, sob perspectivas específicas, a mesma escola habitada pelas imagens informais, rebeldes ou imprevisíveis dos estudantes, as quais defendemos como fonte generosa de conhecimentos a respeito dessas instituições. Assim, as imagens do organismo administrativo e pedagógico, ou seja, do ‘mundo adulto’ e as imagens insubordinadas e espontâneas dos meninos e meninas oferecem visadas diversas, ora confluentes, ora radicalmente divergentes.



As escolas, como nos têm mostrado as recentes pesquisas nos/dos/com os cotidianos, sejam quais forem, são espaços de intensas trocas, tensões, encontros, afetos e colisões. São, sobretudo, entre muitas possibilidades, a efervescência da diferença. Entretanto, os discursos que as noticiam freqüentemente convocam imagens convencionais escolhidas e editadas de tal forma que acabam por corroborar com o apagamento dos contrastes e das diferenças. Assim, funcionam como reedição de uma imagem arquetípica aplainadora da irreduzível singularidade que toda escola traz em sua história e atuação.

Curiosamente cabe ao ensino formal, portanto à escola, a iniciação ao estudo, produção, diálogo, tradução e demais inteirações com as imagens. Imagem que deve ser abordada em seus múltiplos aspectos – fonte de conhecimento e fruição estética; instrumento de poder e doutrinação; maquinário político; ferramenta de ordenação e etiquetagem social; controle e diagramação cultural; referência e documentação; etc. – e diversas funções vertiginosamente ampliadas na atual 'era da imagem'.



Se a nós, professores, pesquisadores e demais interessados nas realidades e produções escolares, interessa trabalhar com esse poderoso elemento, a imagem, convém e urge valorizar muito do que nos habituamos a desprezar em nossos percursos. Surpreendentemente, em meio a esse 'muito' encontram-se as 'banais' imagens de nossos alunos e alunas. Aqui, não só de seus indivíduos e coletivos, mas, sobretudo, os seus olhares, já que hoje, os jovens não se reduziram apenas a um dos assuntos da profícua produção imagética cotidiana da escola, mas despontam como seus mais importantes autores e produtores. Pois, a sofisticada tecnologização da imagem e sua voraz mercadologização democratizaram a posse das máquinas fotográficas e vêm facilitando o acesso aos editores digitais. De tal maneira que hoje qualquer adolescente é um produtivo criador e divulgador de imagens, pois os meios virtuais de comunicação e de transmissão têm se popularizado tanto quanto os recursos de captura e edição imagéticas. Esse cenário oferece quadros jamais registrados, portanto, material notavelmente favorável à leitura e decorrente diálogo entre os muitos sujeitos da educação contemporânea. É só olhar pro lado...

As imagens utilizadas nesse texto pertencem ao acervo dos Grupos de Pesquisa: Estudos Culturais em Educação e Cotidiano Escolar e Currículo e são de autoria dos alunos das escolas pesquisadas.

sobre o(a) autor(a):

Professor do Instituto de Artes da UERJ.